



AS TRAVESSIAS DOS CONHECIMENTOS ETNOMATEMÁTICOS CHOKWE (ANGOLA) E QUILOMBOLA (BRASIL): Vivências em Comunidades do Camaxilo e Quilombolas de Povoação e Carapotós

Carlos Mucuta Santos¹

GD n.º 16 - Etnomatemática

Resumo: Este artigo, é um recorte da pesquisa de doutorado, em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Apresenta as epistemologias chokwe (Camaxilo-Angola) e quilombolas (Pernambuco-Brasil) como chaves para repensar o conhecimento no contexto educacional. Com base nas dimensões do Programa Etnomatemática, propõe-se uma valorização do papel do conhecimento dos negros africanos e afro-brasileiros no currículo escolar, não apenas como, historicamente, escravizado, mas como produtor de saberes, cultura, resistência e vida. Nessa perspectiva no primeiro semestre de 2025, o autor deste artigo vivenciou experiências nas comunidades quilombolas descendentes do quilombo de Catucá em Pernambuco, destacando a figura de “João Batista Malunguinho”, último rei deste quilombo, que aqui buscamos dar visibilidade no contexto escolar. O povo chokwe do Camaxilo (Angola) e Quilombola de Pernambuco (Brasil) têm conhecimento, história e lideranças não contadas na escola, constituindo-se em apagamento destes saberes e personalidades, levando a que os alunos chokwe e quilombolas não se vejam no currículo escolar e na sala de aula. O método histórico promovido por Boas (1997) utilizada como metodologia desta pesquisa, é expressão da intenção deste trabalho, que é a decolonialidade do currículo das escolas dessas comunidades, porque tal metodologia consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, facilitando as travessias desses saberes das gerações anteriores chokwe e quilombola para as novas gerações escolarizadas nos quilombos em Pernambuco, Brasil e no Camaxilo, Angola.

Palavras-chave: Epistemologias Chokwe. Epistemologias quilombolas. Travessias epistemológicas. Malunguinho. Camaxilo.

AS TRANSMUNÂNCIAS EPISTEMOLÓGICAS DA CULTURA MATEMÁTICA DO POVO CHOKWE E QUILOMBOLA

A colonização europeia vestida da colonialidade, negou silenciando o saber que não fosse de origem da bacia mediterrânica, fato que se repete até os dias da contemporaneidade, infelizmente, visto que, os conteúdos dos livros escolares utilizados para o ensino dos alunos chokwe e quilombola nas suas comunidades, não representam o povo imposto a usá-los, pelo

¹ Doutorando em Educação pela Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP); cmucuta@usp.br; Orientadora: Prof. Dra. Cristiane Coppe.

que, se torna importante a utilização de transumâncias² epistemológicas em comunidades camaxilenas e quilombolas, pois que, nesses territórios, os saberes não se fixam; eles caminham; eles escorrem como rio; eles se movem como vento e se plantam como sementes.

Os conhecimentos que sustentam a vida em comunidades tradicionais do Camaxilo e dos quilombos em Pernambuco, fazem transumâncias epistemológicas: transitam entre o corpo e a terra, entre o passado ancestral e o presente coletivo, entre a oralidade dos mais velhos e a curiosidade das crianças.

Tais movimentos não são desorganizados. São saberes que se movem conforme o tempo da natureza, conforme o ciclo da roça (lavra / lavoura em Angola), da caça e da pesca, conforme a espiritualidade desses povos. Não são conhecimentos engessados em manuais escolares, mas eles são uma sabedoria viva, que se aprende com o fazer, com o ouvir, com o conviver, concordando com D'Ambrosio, 2018, sobre a justiça social.

As transumâncias epistemológicas chokwe e quilombolas são também formas de resistências. Em vez de aceitar a imposição de uma única forma de saber – acadêmica, ocidental, escrita – as transumâncias afirmam outros modos de conhecer: os saberes das ervas e dos remédios naturais, os saberes dos batuques e tambores, os saberes das redes e nassas (mucho) de pescas, os saberes dos mutirões e os saberes do silêncio aos pés de um mais velho no chota.

Esse deslocar-se dos saberes é o que mantém viva a identidade chokwe e quilombola. Porque os conhecimentos aqui, não estão presos à escola, mas migram entre o chota³ a sala de aula, entre o terreiro e a sala de aula, entre o que se aprende com o avô e o que se ouve no rádio comunitário, entre a prática da pesca, da caça, de empreendimentos culturais de sobrevivência e o debate político em jornais e internet.

² Transumância epistemológica: *uso figurado*. Deslocamento sazonal de rebanhos para locais que oferecem melhores condições durante uma parte do ano. Aurélio Ferreira, 1985, 1ª edição, 14ª impressão, Rio de Janeiro, p.1400.

³ *Chota cha maulwana* é considerado como jango (casa) dos anciãos do povo, o epicentro de toda aldeia *chokwe*, um símbolo da autoridade, da integridade e da unidade dos membros de uma comunidade *chokwe*. Mais detalhes no artigo “A cultura Chokwe da Lunda Norte (Angola) e o Programa Etnomatemática: diálogos para repensar a Educação em tempos de pandemia” da autoria de Cristiane Coppe e do autor. Acesso: <https://www.revista.etnomatematica.org/index.php/RevLatEm/article/view/604>

A epistemologia da transumância reconhece o saber como um caminho, não como um ponto de chegada. E quem caminha com esse saber está em constante construção, em constante escuta, em constante troca, tais trocas fazem objeto da escrita da tese do autor deste artigo.

Não se tenciona fazer um juízo de valores entre as realidades das escolas das comunidades do Camaxilo e as das comunidades quilombolas pernambucanas pesquisadas, mas procuramos apelar a sensibilidade de pessoas, sobretudo, as que estão em posições de governo, os intelectuais e as que decidem sobre as políticas públicas educativas e comunitárias. No sentido de pensarem como Ubiratan, falando da matemática humanista, não podemos nos calar face ao silenciamento destes povos e suas lideranças históricas em contexto escolar.

No livro Educação Matemática: da teoria à prática, o autor Ubiratan D'Ambrosio (1996) falando da matemática humanista, menciona:

A matemática deve contribuir para a dignidade humana. O educador matemático tem a responsabilidade de ajudar os alunos a verem a matemática como uma forma de compreender o mundo e transformá-lo com ética, solidariedade e respeito à diversidade (D'Ambrosio, 1996 p. 43).

Esta afirmação, possibilita pensar que ensinar matemática não pode ser um processo descontextualizado, mas sim um ato de respeito à diversidade cultural e às condições humanas dos alunos. Isto, é humanismo, é valorização do saber de todos os povos, é a sensibilidade, é reconhecimento do outro, é aceitação da alteridade e é inclusão.

Ademais, o povo chokwe e quilombola têm as mesmas lutas acadêmicas e de sobrevivências, pelo que quando da convivência do autor em pesquisa de campo nas comunidades quilombolas pernambucanas, viu-se a possibilidade de uma ancestralidade comum entre os povos chokwe e quilombolas, fato que foi reconhecido por líderes quilombolas de Pernambuco, notadamente nas comunidades de Povoação São Lourenço, Nação Xambá, Carapotós e Amaro Branco. Essas lideranças identificaram no autor deste artigo vínculos de consanguinidade, irmandade e ancestralidade. E em gesto de reconhecimento e homenagem, conferiram-lhe a nomeação simbólica de **Malungo Mucuta**, evocando a memória de João Batista Malunguinho, último líder do quilombo do Catucá no século XIX, que se destacou pela resistência à opressão colonial. Após sua morte, em 1835,

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEuM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

Malunguinho foi elevado à condição de figura espiritual cultuada na tradição do culto da Jurema Sagrada, reafirmando sua centralidade como símbolo de luta e ancestralidade afroindígena-quilombola.

Considerando que, o conhecimento do cotidiano, que é cultural e social, o conhecimento científico e o conhecimento escolar são três faces naturais da configuração do conhecimento humano como sugere Mendes (2004) em que torna-se:

[...] importante, também, refletirmos profundamente acerca de que o conhecimento humano se apresenta sob três facetas: o conhecimento cotidiano, o conhecimento escolar, que é produzido e vendido pela escola, e o conhecimento científico, que é aquele conhecimento matemático do matemático. Dessa maneira, podemos afirmar que nós temos um caminho a trilhar dentro da escola, dentro da sociedade e dentro da nossa própria cultura, que é a saída do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico, através do conhecimento escolar, ou seja, da escola (Mendes, 2004 p. 14).

As observações postas neste artigo, são resultados iniciais de uma pesquisa de doutorado em andamento, e visam a elaboração de um texto indicador à visibilidade da cultura e conhecimento social do povo chokwe (Angola) e quilombola (Brasil) no currículo escolar e a pessoa de João Batista Malunguinho, último rei do quilombo de Catucá, passo inicial da luta contra a invisibilização nos Sistemas Escolares angolano e brasileiro destes saberes.

AS TRAVESSIAS DOS CONHECIMENTOS CHOKWE E QUILOMBOLA NO CONTEXTO DAS ESCOLAS DAS COMUNIDADES CHOKWE (ANGOLA) E QUILOMBOLA (BRASIL)

No desenvolvimento da investigação do doutorado, de cunho qualitativo, em um primeiro momento, foram analisadas as formas como são tratadas as epistemologias do povo chokwe e dos outros povos de Angola em todos os manuais didáticos de 12 disciplinas que são lecionadas no Ensino Geral em Angola. Em um segundo momento, analisou-se, de igual modo, essas formas presentes em livros didáticos do/no Ensino Fundamental das Escolas nas Comunidades quilombolas da Povoação São Lourenço, Goiana, PE, Carapotós, Caruaru, PE e Amaro Branco em Olinda/PE; assim como as formas apresentadas em livros didáticos

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEEnM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

do/no Ensino Médio nas escolas da comunidade Portão do Gelo - Nação Xambá em Olinda/PE. Além da consulta dos manuais e dos livros didáticos, apoiou-se em um caminho metodológico reunindo pessoas das comunidades que fazem educação (professores, alunos, pais e encarregados). Uma próxima etapa versará sobre uma reflexão analítica aparando-se no ato de “sentar no chota para aprender” baseando -se em Mucuta, 2023.

Optar na metodologia de sentar-se no chota para aprender favorece recorrer ao método histórico promovido por Boas (1997) que, partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, tornando-se importante pesquisar suas raízes para compreender sua natureza e função. O método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época;

Nas primeiras etapas, foi possível identificar alguns elementos que podem ser analisados posteriormente na pesquisa. A verificação da colonialidade nos livros didáticos se fez analisando as frequências e as menções nos livros didáticos dos indicadores selecionados, que representam epistemologias próprias do povo chokwe e quilombola, uma vez que, tais palavras ou expressões não se limitam a designações linguísticas ou expressões isoladas da língua chokwe ou portuguesa. Trata-se de termos que incorporam sistemas complexos de saberes e saberes-fazer, fundamentais à manutenção da vida e da identidade cultural desses povos. Um exemplo encontra-se na palavra *funge e cuscuz quilombola*, como indicadores, não se referem apenas a pratos típicos chokwe ou quilombola, mas evocam todo um sistema alimentar, trata-se de elementos que sintetizam saberes culinários, agrícolas e socioculturais, fundamentais à continuidade e à autonomia cultural do povo chokwe e quilombola.

A análise feita nos manuais didáticos angolanos do Ensino Geral, mostra que, a maioria dos conteúdos foi elaborada com base em manuais didáticos de Portugal, sobretudo nas disciplinas de História e Educação Manual e Práticas, cujos textos reproduzem, muitas vezes, materiais didáticos do contexto de Portugal. Ademais, diversas disciplinas, como Matemática, Língua Portuguesa, Geografia, Educação Moral e Cívica e Ciências da

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEnM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

Natureza, sequer indicam as fontes bibliográficas consultadas, ocultando os referenciais teóricos que sustentam a adoção de tais conteúdos.

Tal ausência de transparência e o recurso sistemático aos materiais didáticos estrangeiros revelam não apenas um descaso metodológico, mas também uma profunda fragilidade epistêmica: comprometem a construção de uma educação enraizada nas realidades locais e, mais gravemente, reproduzem uma lógica de subalternidade intelectual. A respeito disso, Ubiratan D’Ambrosio, 2023, alerta que, a superação da colonialidade do saber exige uma “ética da diversidade” e o reconhecimento dos saberes locais como fundamentos legítimos da prática educativa. Ao negligenciar fontes originárias e invisibilizar epistemologias chokwe e dos outros povos de Angola, o sistema educacional angolano corre o risco de perpetuar a dependência cognitiva herdada do colonialismo, contrariando os princípios de soberania cultural e desvalorizando as matrizes de conhecimento que sustentam a identidade do povo angolano invocados na Constituição, 2010 e na LBSEE – Leis de Bases do Sistema de Ensino e Educação de 12 de agosto de 2020.

Os sintomas e sinais de colonialidade nos livros didáticos em Angola por exemplo, são claras na medida em que, a leitura analítica do conteúdo do manual didático como o de Física da 7ª classe do ensino secundário, há ausência de referências às epistemologias do povo chokwe e dos outros povos de Angola. Essa lacuna não é meramente uma omissão neutra: ela expressa, de maneira concreta, a persistência da colonialidade do saber, tal como denunciada por Aníbal Quijano (2005), ao destacar como a matriz colonial de poder relega ao silêncio os saberes produzidos fora dos marcos da racionalidade eurocentrada.

Ao invisibilizar os modos próprios com que os diferentes povos de Angola — e o povo Chokwe, em particular — compreendem e se relacionam com o universo, os fenômenos naturais, a medição, a quantificação e a exploração dos recursos da natureza, o livro contribui para um ensino de Ciências descontextualizado e excludente. Tal pensamento é considerado por Ubiratan D’Ambrósio (2001), como a ciência escolar descolada da realidade cultural dos educandos, que não apenas ignora a diversidade epistemológica da humanidade, mas compromete o próprio processo de aprendizagem, que é, antes de tudo, culturalmente mediado.

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEuM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

Dentre muitos exemplos da colonialidade nos livros didáticos utilizados no Ensino Geral em Angola, tem-se por exemplo, o manual didático de Física da 12ª classe, com uma lacuna epistemológica preocupante: a ausência de menção das bibliográficas consultadas e, principalmente, de qualquer menção às epistemologias do povo chokwe e dos outros povos de Angola, cujos filhos são os principais destinatários do conteúdo desse manual.

Tal omissão não é meramente técnica, mas revela um posicionamento político-pedagógico que reproduz e reforça a colonialidade do saber. Ao permitir que o eurocentrismo se apresente como única via legítima de produção de conhecimento, se promove um apagamento simbólico das formas de conhecer chokwe e angolana, contribuindo para a formação de sujeitos estrangeirados em sua própria terra. Tal prática ignora a diversidade epistêmica existente no povo chokwe e outros povos de Angola e contribui para a perpetuação de um modelo educativo desvinculado da realidade histórica, cultural e ontológica do estudante.

Nesse contexto, a reconstrução dos manuais didáticos de Física se impõe como tarefa inadiável, bem como a necessidade de inserção de professores, pesquisadores e autores comprometidos com perspectivas decoloniais nos processos editoriais. Essa transformação é essencial para que a escola angolana se constitua como um espaço de justiça cognitiva e emancipação cultural como sugere Oliveira (2024) em *Um conto e Itinerários e Territórios* inspirado pelos Sona Angolanos.

E, de igual modo, as pesquisas realizadas em comunidades quilombolas pernambucanas, os indicadores: “quilombo”, “quilombola”, “Zumbi dos Palmares”, “Malunguinho do quilombo de Catucá”, “maracatu” e “Pernambuco”, cuja presença nos livros didáticos adotados em escolas localizadas em territórios quilombolas de Pernambuco constitui não apenas uma questão de conteúdo, mas uma escolha política e epistêmica, e operam como marcadores de memória coletiva, territorialidade e identidade afro-brasileira, sendo fundamentais para a reconstrução de narrativas históricas a partir de uma perspectiva quilombola e decolonial defendidos na CNE-CEB, 2012.

A colonialidade nos livros didáticos utilizados em 2025, nas comunidades quilombolas de Povoação São Lourenço (Goiana), Carapotós (caruaru), Portão do Gelo (Xambá – Olinda) e Amaro Branco (Olinda) em Pernambuco, Brasil, tem sinais visíveis

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEEnM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

consubstanciado na ausência dos indicadores nos textos dos livros didáticos, que suscita a seguinte pergunta: Que sentimentos podem brotar no coração de um estudante quilombola que lê um livro didático e não encontra nele as palavras “quilombo”, “Zumbi dos Palmares”, “Malunguinho de Catucá” e “Quilombola”?

Certamente, tal omissão pode provocar uma série de sentimentos intensos e contraditórios no coração do estudante quilombola, destacando-se:

1. Sentimentos de Invisibilidade: o estudante que não se vê num livro didático, pode se sentir invisível, como se sua história, identidade e cultura não fossem importantes ou dignas de serem contadas. Isso gera um sentimento de exclusão simbólica: estar presente fisicamente na escola, mas ausente nos conteúdos que deveriam representar a diversidade do país.

2. Sentimentos de Tristeza e frustração: evidentemente, surgirá no estudante a tristeza de alma ao perceber que sua ancestralidade foi ignorada e frustração com um sistema educacional que não reconhece o valor das lutas e conquistas do povo quilombola. O apagamento histórico será sentido como uma “ferida aberta”.

3. Sentimento de Revolta ou indignação: pensamos que o estudante quilombola ao perceber a omissão de personagens como “Zumbi dos Palmares”, “Malunguinho de Catucá” etc., símbolos de resistência e liberdade negra, poderá sentir revolta. Essa indignação, na realidade será um grito por justiça, reconhecimento e reparação histórica.

4. Dúvida e confusão: a ausência da história de um povo no texto do conteúdo de um livro didático pode gerar dúvidas sobre a própria identidade e confusão sobre o lugar que ocupa na sociedade. Certamente, poderá dizer em si mesmo: “Se não estou no livro, será que minha história não importa?” Tal pergunta seria uma pergunta dolorosa que poderá emergir.

5. Sentimento de Desestímulo: o sentimento de não pertencimento poderá levar ao desestímulo nos estudos, pois o estudante quilombola não se veria refletido no conteúdo escolar. Isso iria comprometer o vínculo com a escola e com o processo de aprendizagem.

6. Resistência e força: apesar de tudo, também pode-se pensar brotar neste estudante quilombola, sentimentos de resistência. A prática positiva diante do apagamento, pode gerar em alguns estudantes quilombolas uma conscientização acerca de suas identidades, buscando afirmar com orgulho suas raízes e lutar por mudanças.

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEnM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

Em suma, a leitura destes livros, faz pensar que, a ausência dos nossos indicadores, ou seja, a falta de menção das palavras como “Zumbi”, “Malunguinho”, “Quilombo” etc., nos livros didáticos, não é apenas uma lacuna textual — é uma lacuna de reconhecimento. O estudante quilombola tem o direito de se ver nos livros, nas aulas, nas narrativas. Porque representação importa! E memória também é resistência!

É preciso também destacar ações decoloniais e de boas intenções de alguns autores, como Veridiano (2024), que excepcionalmente, é o único autor de livros didáticos adotados em Pernambuco, que reporta conhecimento matemático do povo quilombola, mostrando o sistema de medida do povo quilombola nas páginas 113 e 114 do livro didático “Nova EJA moderna Matemática”, tal como segue:

Sólidos geométricos e moinho d’água

Moinhos d’água são máquinas que se aproveitam da energia cinética produzida pela movimentação da água corrente para girar seu eixo, permitindo moer grãos, irrigar arrozais e até mesmo produzir energia elétrica. Um moinho d’água da Comunidade Quilombola de São Félix – localizada no município de Cantagalo-MG –, construído há quase um século, configura-se como elemento importante para a cultura local e funciona perfeitamente até hoje. Na utilização desse moinho d’água para moer o grão do milho e transformá-lo em fubá e canjiquinha, os moradores da comunidade adotam no cotidiano um sistema próprio de unidades de medição de volumes de fubá, canjiquinha e milho em grão. As unidades de medida de capacidade e volume utilizadas nos moinhos d’água de determinados quilombos, por exemplo, são a quarta, a meia-quarta, a neta, o prato e o meio-prato. Os instrumentos utilizados para fazer as medições nas vendas e trocas são feitos de madeira. O tema abordado nesta página também permite uma articulação com o componente curricular História. Peça auxílio ao professor responsável por esse componente para orientar os estudantes a buscarem mais informações e imagens, em fontes como livros, revistas ou textos da internet, sobre outros aspectos interessantes da cultura quilombola. Por fim, reserve um momento no qual os estudantes possam compartilhar suas pesquisas com os demais colegas (Veridiano, 2024 pp. 12-300).

RACISMO INVISÍVEL CONTIDO NA PALAVRA “ESCRAVIZADO” E A REVOLTA EPISTÊMICA COMO ESTRATÉGIA DE LUTAS CONTRA A COLONIALIDADE NO ENSINO

O termo “escravizado” ligado a história de descendentes negros no Brasil e nas Américas, tem implícito, o racismo, e seu efeito sobre alunos afrodiaspóricos, que se vêem constrangidos ao se apresentarem como descendentes de escravos. Fato frustrante! Para tal fato, apoia-se, como ferramentas, na decolonialidade e no Programa etnomatemática, o que

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEEnM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

torna-se propenso à uma “revolta” epistêmica contra toda autoridade histórico-eurocêntrica e o desprezo acadêmico pelo conhecimento ancestral africano.

O entendimento de Ferreira (2021), sugere que “revolta” seja entendida como incitação à revolta contra todos os tipos de colonialidade; insubordinação à todo eurocentrismo racista. Levantar-se contra o desprezo ao conhecimento africano, indígena e quilombola; elevação de todo o conhecimento ancestral, de forma a propor um diálogo no que é considerado como “científico” em sala de aula. Ensurdecimento contra todas as filosofias imperialistas e modernas de dominação e insurreccionar todas as mentes dominadas, até então, levando-as à autoestima do seu ser e saber, pois, o ser africano, ser indígena, ser quilombola ou ser não europeu, não é sinônimo de “não valer a pena de ser, de ter ou de possuir”.

A compreensão de todos os elementos implícitos na expressão “escravizado”, permite conceber revolta epistêmica como um chamado à resistência e ao reconhecimento da validade dos conhecimentos de todos os povos incluindo as epistemologias do povo Chokwe do Camaxilo e quilombola de Pernambuco que, na lógica colonial são depreciados como “opiniões insensatas” ou “narrativas míticas deslegitimadas”.

É nesta base, que no e-book do GT 5 – História da Matemática e Cultura da Sociedade Brasileira de Educação Matemática /SBEM, Miranda (2020) em seu capítulo: “Uma breve (e pouco rigorosa) reflexão sobre o Ser Humano, o Conhecimento e a Etnomatemática”, inspirado no conto de H. G. Wells, *The Country of the Blind* (1904), evidencia a necessidade de uma desobediência epistêmica, pela recusa ativa de se submeter apenas ao conhecimento construído e legitimado pelo dominante:

[...] um dos desdobramentos mais importantes do pensamento etnomatemático para o educador matemático: aceitar que os saberes matemáticos podem ser diferentes e construídos a partir de contextos distintos ... em muitos casos, pensar de modo etnomatemático pode exigir certas **transgressões** em relação ao paradigma dominante. E que são essas transgressões – de método, de pensamento, de leituras, de atitudes – que permitem incluir o que geralmente é excluído e, claro, pensar o que geralmente não é pensado. ... De fato, creio não ser possível mesmo tomar parte na educação matemática sem que haja algum grau de insubordinação (Miranda, et al., 2020 p. 193).

E, para uma libertação efetiva das ideologias de séculos, Angola carece de uma legislação que reconheça e valorize sua diversidade étnica, superando a ideologia de “Um

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEEnM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

só Povo e Uma só Nação” e garantindo a inserção dos saberes e conhecimentos dos povos de Angola na sala de aula, à semelhança do Brasil com as leis das políticas afirmativas. A ausência dessa base legal perpetua o eurocentrismo e exclui da sala de aula conhecimentos, como os do povo chokwe, o que pode dialogar com a afirmação de Woodson (2021) no que o autor denomina “deseducação do negro”, apontando que:

O negro americano, mesmo com educação superior, foi sempre educado para ser negro e desprezível. Mesmo na exatidão da ciência ou da matemática é lamentável que a abordagem ao Negro tenha sido emprestada de um método “estrangeiro”. Nas escolas de teologia, é ensinada aos Negros a interpretação da Bíblia organizada por coniventes com a degradação econômica do Negro, quase ao ponto de leva-lo à inanição. Nas escolas de jornalismo, os Negros são ensinados a editar jornais diários metropolitanos como Chicago Tribune e New York Times, que dificilmente contratariam um Negro como zelador; etc. (WOODSON, 2021 p. 15).

CONSIDERAÇÕES

Considerando que a singularidade (originalidade) do povo brasileiro reside na sua complexa e rica miscigenação étnica e cultural, formada a partir da convivência histórica entre os povos indígenas (originários), africanos (escravizados), europeus (colonizadores) e outros grupos migrantes, resultando em uma identidade plural, caracterizada pela diversidade, resiliência e habilidade de integrar distintas heranças culturais, assume-se que as epistemologias quilombolas sejam reconhecidas como constitutivos do conhecimento escolar. E, portanto, integrados de forma efetiva nos livros didáticos e nas práticas pedagógicas em sala de aula, como forma de lutar contra a colonialidade do saber, que historicamente silenciou e inferiorizou epistemologias negras, indígenas e quilombolas.

E para a valorização e preservação das epistemologias chokwe, considerando que os alunos no Camaxilo como em toda Angola, comem *funje /shima* ou mandioca / *mukamba*, por exemplo, antes e depois de estar na escola, a sua menção e ensino na sala de aula poderá produzir gosto, aceitação, valorização e afirmação identitária nos alunos chokwe, que se verão representados na aula e nos livros didáticos.

REFERÊNCIAS

BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
CNE-CEB, P. *Parecer homologado. Parecer homologado CNE/CEB nº 16/2012*, Brasília, 2012.

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEEnM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

CONSTITUIÇÃO, R. D. Constituição da República de Angola. *Diário Da República*, p. 224, 2010.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

D'AMBROSIO, U. *Etnomatemática, Justiça Social e Sustentabilidade*. Estudos Avançados, 10 julho 2018. 191.

D'AMBROSIO, U. *Etnomatemática. Elo entre as Tradições e a Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023

LBSEE. Lei 32 - 20. *Leis de Bases do Sistema de Educação e Ensino*, p. 28, 2020

MENDES, I. A. *Educação (Etno)Matemática: Pesquisas e Experiências*. Natal: Editorial Flecha do Tempo, 2004.

MIRANDA, G; OLIVEIRA, C. C. D.; MESQUITA, M. *Fronteiras urbanas: perspectivas para as investigações em etnomatemática*. Bolema, Rio Claro, v. 29, p. 828 - 844, dezembro 2015.

MUCUTA, C. S. *Vivo na Comunidade, Morto na Academia. Saberes matemáticos do Povo Chokwe. Decolonialidade de Saber*. 1. ed. São Paulo: Paco Editorial, v. 1, 2023.

OLIVEIRA, C. C. D. *Um conto de Itinerários e Territórios inspirado pelos Sona Angolanos* ICENP - UFU. Ituiutaba, p. 110. 2024.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade, poder, globalização e democracia*. Novos Rumos, São Paulo: Instituto Astrojildo Pereira, n. 37, 2005.

VERIDIANO, M. C. D. S. *Nova EJA Moderna Matemática*. São Paulo: Moderna, 2024.

WOODSON, C. G. *A Deseducação do Negro*. São Paulo: Edipro, 2021.

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEEnM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.